



Delírios de ciúmes

Midu Gorini

Midugorinibook

“long-short story”

Primeira Edição

MIDU GORINI

Delírios de ciúmes

“Conto longo” (“long-short story”)

Primeira edição



**Brasil. Catalogação na fonte
midugorinibook**

midugorini@bol.com.br

2009 ©

Midu / Gorini, Romildo Filho, 1955.

Delírios de ciúmes

® primeira edição

I. literatura brasileira. I. título

Delírios de ciúmes

Epígrafe Indispensável

— Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um forte ar. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto... , mas com que tranqüilidade está todas as coisas, à luz, com que liberdade se respira... , o autêntico livro do ar das alturas.

Friedrich Nietzsche.

Delírios de ciúmes

Preâmbulo

— Um livro para poucos, que possui o ar forte da altitude, o gelo está ao lado, resta saber se você é feito para ele e sabe respirar o ar forte das alturas. Um ar, com pouco oxigênio e fragmentos de fatos verídicos, regados a sangue frio, dominados por violenta emoção.

Midu Gorini

Delírios de ciúmes

¥ — £ § 1.0 – Os fatos.

Os fatos a seguir podem ter ocorridos desta forma ou de forma semelhante a esta, com o tempo, estes fatos transformam-se em lenda e cada um os relatam à sua maneira. De qualquer forma os fatos ocorreram uma década antes da chegada do segundo milênio e abalaram a pacata sociedade local.

§ 1.1 — Sofia.

Sofia uma mulher madura, ainda muito atraente mesmo trajando o seu uniforme metalúrgico de verão, azul escuro tipo bata, com a camiseta branca por baixo e aqueles horríveis sapatos pretos sem saltos de amarrar, com reforço interno para proteger os dedos, modelo industrial leve unisex.

Após uma jornada de trabalho extenuante, de oito horas, com um pacote de pão e dois litros de leite, na sacola plástica da padaria, abre o portão de sua humilde, porém limpa, casa popular, depois de quase uma hora dentro de um ônibus, sujo e lotado, onde leu atentamente a carta-bilhete que veio toda perfumada com um poema escrito...

"A cidade iluminada
pela lua
Na rua
os ruídos da noite
ferem a madrugada
sem maldade
Meu pensamento
acaricia o seu corpo
com malícia
com saudade minha lembrança
descansa doce
nos seus lábios
Sinto o desejo nos seus lábios
como a tarde que arde ao sol
Sol que nunca serei
em sua vida
sol que sempre serei
nos seus lábios
Você me procura
como quem busca a cura
sacia os seus lábios
nos meus lábios
e parte na madrugada ferida

para o sol de sua vida
beijos Gabi."

Agradecida por ter um trabalho e por não precisar fazer às duas horas extras, que já estavam virando rotina nesta época de início de outubro, quando os pedidos para a linha de produção de eletrodomésticos, começavam a aumentar.

Adentra rapidamente pelo pequeno e bem cuidado jardim e chega à porta, para por alguns segundos, faz uma brevíssima reflexão, se fortalece, cria coragem, dá um longo e cansado suspiro, não quer entrar, mas com submissão paciente aos sofrimentos da vida, abre à porta e entra com passos firmes.

Sofia olha com parcimônia nos olhos de Pedro, sentado desleixadamente no sofá, da pequena sala de estar, ela passa pelo marido, não diz nada, já não havia mais nada a dizer, sabe que neste horário seu filho, Paulinho, de dezenove anos, nunca está em casa, com certeza, estava vadiando com os amigos, pelas ruas ou na casa de sua bela namorada, Sonia Suely.

Resignada com o desagradável trabalho doméstico, que ainda tinha pela frente, vai direto para a cozinha abre a torneira e começa a lavar a louça deixada na pia, logo após o almoço, pelo seu relapso marido e seu filho, que seguia rigorosamente o exemplo do pai, e não mexia uma palha para ajudá-la. Pacientemente, lava primeiro o copo, depois o outro, os pratos, as facas, os garfos, joga no lixo o resto de comida deixado nas panelas. E por fim, já com dores nas pernas, lava as panelas e começa a preparar, com capricho, o jantar e o almoço simples de amanhã.

Em sua fantasia mais íntima, queria apenas, tomar um longo banho quente, relaxar as longas pernas cansadas, cuidar do cabelo levemente ondulado, da pele morena clara, recuperar um pouco da sua beleza, tanto exterior como interior. Brincar, alguns minutos, com o pequinês Simba – Lata, e jantar uma comidinha simples, porém aconchegante, depois dormir o sono dos justos, para acordar às seis, tomar um café com leite morno, comer um pão, saído do forno, com manteiga e ir novamente para sua linha de produção, na fábrica, com seu horripilante uniforme de verão.

Com as panelas, em fogo baixo no velho fogão, vai tomar um rapidíssimo banho, apenas uma chuveirada, para espantar o calor de outubro e retirar o suor do seu corpo, pois ela sabia que seu marido tirou a mesa do almoço, colocando a louça e os talheres, na pia, em troca desta preciosa ajuda, com certeza ele queria alguma coisa em troca.

Para seu alívio momentâneo ele continuava na sala, assistindo televisão, às vezes ela era abordada abruptamente por seu lascivo marido durante o banho, acuada, para não brigar cedia e fingia com perfeição um único e discreto orgasmo.

Com as panelas cozinhando os alimentos, Sofia tinha uma boa desculpa

para fugir do assédio intempestivo de Pedro, dizendo com voz doce: — Agora não dá marido, a comida vai queimar e eu estou morrendo de fome, vamos deixar para o fim de semana, tá bom.

Sofia percebia perfeitamente bem a indisfarçável irritação de Pedro, com o fracasso das suas intenções sexuais, mas não brigavam apenas se toleravam.

Enxugou-se aliviada, colocou um pijama velho, nada sexy, e foi para a cozinha, jantou sozinha. Seu marido de quarenta e sete anos, metalúrgico desempregado há quatro e meio anos, continuava na sala entretido assistindo televisão.

Era um homem alto, forte, à flor do rosto a falta do trabalho e o peso do pão, as monótonas renúncias e todos os sonhos na prece, mas, para além desta sedução as marcas da sobrevivência, tatuadas sem pudor a flor da pele, diagnosticavam a sua doença social, o desemprego e sua comorbidade mais comum, a depressão.

Sofia com rapidez lavou a louça, recolheu a roupa suja, colocando-a no cesto da pequena área de serviço ao lado da porta da cozinha. Brincou discretamente com o Simba – Lata, e viu com uma mistura de desânimo e repulsa que seu marido Pedro havia colocado ração e água fresca, para o pequeno pequinês, imediatamente pensou apavorada, "desta noite não passa, já faz mais de um mês".

Escovou os dentes, separou um sutiã branco novo, fornecido gratuitamente pela fábrica de eletrodomésticos e foi dormir sem dirigir uma única palavra ao marido, que continuava a assistir televisão, embora estivesse curiosa em saber se Paulinho tinha conseguido o emprego de caixa no supermercado do bairro, deitou-se em sua cama e rezou por alguns minutos até dormir.

Dormiu pesadamente, até às seis horas da manhã, acordou cansada como sempre, mas aliviada pela inapetência sexual do marido, que continuava a dormir ao seu lado, só de cueca evidenciando o seu pênis enrijecido, imediatamente os seus pensamentos pousaram com ardência, nos lábios de Gabi.

Sofia levantou-se da cama com cuidado, para não acordar Pedro e sem fazer barulho, caminhando nas pontas dos pés, foi até o quarto do Paulinho, ele roncava nu ao lado da namorada, ela vestia só uma camiseta regata, deixando à mostra, suas nádegas brancas e as pernas bronzeadas, Sofia não resistiu, entrou no quarto, e perguntou baixinho em seu ouvido:

– Paulinho conseguiu o emprego? Ele respondeu com a voz embriagada pelo sono.

– Não mãe precisava do segundo grau completo. A namorada nem se mexeu.

Decepcionada Sofia, vai até o banheiro e se prepara para ir trabalhar, depois vestiu o uniforme, passou um batom discreto e por alguns

momentos olhou, com seus olhos verdes, fixamente no espelho, o seu rosto já começava a evidenciar as marcas de expressão.

Mas não desanimou, tinha uma família para prover, com atitude firme, foi em frente, tomou seu café com leite morno, comeu um pão amanhecido, com margarina, e foi trabalhar.

No caminho, dentro do ônibus, quase lotado, abre seu coração e escreve com saudades no caderninho velho, um pequeno e amoroso bilhete: *"Gabi, meu segredo doce de doce abrigo, olhos da cor dos meus desejos, com sua beleza crua, mostra-se nua em suas formas mais delicadas. Põe brilho nos meus olhos, água em minha boca e aroma nos meus lábios. Respiro com gosto a natureza sem censura, transpiro com gozo o presente sem futuro. Gabi, minha morena doce de doce abrigo, para o meu encantamento você basta! Em você está os amores às paixões e os prazeres de alguma madrugada, que amanhece eterna dentro do peito, beijos Sofia".*

§ 1.2 — Pedro.

Pedro acordou às nove e meia, preocupadíssimo, vestiu-se ainda atordoado com o artigo que leu na tarde do dia anterior, em uma revista feminina que Sofia havia emprestado de sua amiga Lara, foi até o quarto do Paulinho, mas não encontrou ninguém, só a desarrumação de sempre, pegou novamente a revista na estante da sala e leu em voz baixa irritadiça:

"A frigidez sexual raramente é proveniente do organismo, e sim do psicológico que não aceita o orgasmo. Isto decorre por motivos simplistas:

A condição feminina na sociedade moderna com a responsabilidade de ser a provedora da família.

A dupla jornada de trabalho, primeiro na profissão depois nos afazeres domésticos.

A sua recusa ao parceiro sexual por não se conformar com o destino que ele representa. Mas tempo se incumbe de selar o destino da relação e a mulher, mais cedo ou mais tarde, irá buscar o que lhe falta nos braços de outro homem".

Amassou a revista com raiva, jogando-a longe e fala, em voz alta, mais irritadiça ainda: — Não há dúvidas, nestes dias de crise, o dinheiro compra até amor verdadeiro, o homem tem que ter dinheiro e a mulher tem que ser gostosa, esta é a pura verdade, está certo, certíssimo o Zé Mane que fala sempre, “quem gosta de homem é veado, mulher gosta é de dinheiro”.

Pedro enrubescido espumava de ódio, chutou a revista no chão, para mais longe ainda, se moía por dentro, tremia por fora, a imagem em sua cabeça era de Sofia nos braços de outro homem, tendo orgasmos múltiplos, em posições e atos inconfessáveis, nos quais ele sempre sonhara, mas Sofia jamais permitiria. Ele delirava vendo Sofia acariciando os cabelos pretos do rival imaginário, carinhos estes que ele próprio não recebia há muito tempo.

A sua imaginação em pleno e vigoroso funcionamento, paralisando o seu intelecto, a razão dá lugar à imaginação, a imagem de Sofia cada vez mais forte, nua, linda, feliz, deitada ao lado de seu jovem rival, recebendo carinhos em seus cabelos numa cama grande redonda com uma cabeceira de madeira muito cara e bonita, típica dos hotéis de luxo. Pedro não consegue visualizar mentalmente o rosto do rival, apenas seus cabelos pretos, se esforça, mas não consegue.

Pedro começa a chorar copiosamente e passa a tomar atitudes com o intelecto paralisado, vai até o quarto se veste rapidamente, voa até a cozinha, olha para o relógio da parede, dez para as onze, pega uma faca pontiaguda afiada, do tipo peixeira e a coloca dentro do saco de pão, depois dentro da sacola plástica da padaria e sai de casa chorando.

Anda com pressa, não pode perder o ônibus das onze horas, no caminho uma vizinha voltando da feira, que espantada, olha para ele sem entender nada, sem cumprimentá-la Pedro continua andando rapidamente, começa a se refazer do choro, chega ao ponto de ônibus, que já está virando a esquina, sem inteligência emocional, sinaliza com a mão, o ônibus para ele sobe.

Durante o trajeto de quase uma hora até a fábrica, Pedro já refeito do choro, não se conforma e com o intelecto paralisado, a razão adormecida, começa a pensar novamente com a sua imaginação, onde só sua verdade é verdadeira, onde só sua razão tem razão.

Atordado começa a delirar, em voz baixa: – Ontem eu ajudei a Sofia, coloquei toda a louça na pia, tratei o Simba – Lata, e ela nem me dirigiu a palavra, nem um carinho em meus cabelos grisalhos.

– Ai já era esperar demais, o que será que ela deseja? No mínimo que eu lave, passe e cozinhe de preferência deixando a cozinha brilhando.

– Será que Sofia não sabe que eu sou homem? Que belo exemplo, eu vou dar para o meu querido filho Paulinho. Se ele chegar aqui em casa com os amigos e me encontrar de avental lavando roupa, vão comentar com todo mundo, o seu Pedro virou mulherzinha da dona Sofia, vão morrer de rir, vou virar a piada do bairro inteiro.

– Não tem emprego, eu procuro e não acho nada, o que o cara falou para mim quarta-feira? Seu Pedro infelizmente o senhor está velho para o mercado de trabalho, como se um dia ele não fosse ficar velho! Velho uma pinóia eu tenho experiência, eu sou trabalhador, não bebo, não fumo e meto uma vez por mês, para não cansar mais ainda a Sofia, e de que adiantou isso, mesmo cansada ela arranhou um amante.

– Todo domingo vou à igreja, rezo, peço, imploro, mas Deus se esqueceu de mim, eu acho que Deus nem existe ou não tem piedade, não tenho mais amigos, todos se afastaram com medo que eu peça alguma coisa, algum favor.

– Eu só tenho o Paulinho, a Sofia mais cedo ou mais tarde vai me

abandonar, com toda certeza encontrará outro homem melhor do que eu, e desse seu amante oportunista. É preferível morrer, viver esta vida miserável não dá mais.

Por quase uma hora inteira, Pedro refletiu com a sua imaginação bloqueadora da razão, em seguida uma profunda depressão começava a apertar sua alma, gerando nele uma calma angelical que preenchia suave o seu espírito, então começou a cantarolar, com ironia e indolência, assustando o cobrador do ônibus e alguns passageiros:

♪ No mundo atrás dos muros
só existe gente feliz,
todo poderoso cercado por muros
canta feliz
sem consciência além muros
vive feliz,
sem olhos além muros
para quem chora infeliz.
No mundo atrás dos muros
só existe gente feliz.
Com luxúria a madame de saia justa
a miséria fica além muros.
Com ganância o patrão de colarinho branco
a favela fica além muros.
Com suor a esperança de quem chora infeliz
a lágrima fica além muros.
No mundo atrás dos muros
só existe gente feliz,
com ouro e mais ouro e mais muros
canta feliz,
no conforto da verde consciência
vive feliz.
Para quem chora infeliz
um lamento feliz. ♪

Desceu do ônibus, atravessou tranqüilamente a pracinha triangular, com pitorescos bancos coloridos em forma de meia lua, vários pinheiros ornamentais plantados, sombreavam a sua cabeça, escutou prazerosamente o canto de um bem-te-vi, como se estivesse despedindo da vida. Atravessou a rua e caminhou sem cerimônias, até a portaria da fábrica, com a sacola plástica na mão.

§ 1.3 — O encontro.

Zé Mane, porteiro-guardião, funcionário antigo da fábrica, reconheceu Pedro imediatamente, saiu da portaria até a calçada e disse com um alegre sorriso no rosto:

– Oxente é o Pedro, êta cara arretado, quanto tempo, sumiu! Desde que você foi embora, nunca mais voltou para rever os amigos, como é que você tem passado homem?

Pedro respondeu, com uma voz muito meiga, dando um abraço no antigo amigo:

– Amigão, olhe nos meus olhos, estão vermelhos, porque hoje eu chorei de alegria, depois de quatro anos arranjei um bom emprego na fábrica de brinquedos.

— Vixe Maria! Que benção Pedro, eu sabia, que uma hora, Deus iria te abençoar e você ia dar a volta por cima.

— E abençoou mesmo, amigão, faça-me um favor, a Sofia deve estar entrando em horário de almoço, chame ela, mas peça, para vir sozinha, que eu tenho essa grande notícia para dar. Eu sou emotivo, você sabe, peça para ela me encontrar no meio da praçinha, logo após o almoço.

Zé Mane dá um longo abraço no amigo, sem dizer nada, depois entrou na portaria e ligou para o refeitório, falou em alto e bom som, todo orgulhoso, deixando claro, a Pedro, que compartilhava da alegria do amigo:

– Joana, aqui é o Zé Mane, depois que a Sofia comer com farinha, peça para ela dar um pulinho aqui na portaria, que eu tenho uma noticia porreta, ela vai ficar abestalhada de tanta alegria, obrigado.

Pedro faz um sinal de positivo para o amigo e caminha lentamente para o centro da praçinha. Sentou-se no banco com discrição tirou a faca do saco de pão, e a colocou nas costas, entre a cinta e a calça, em seguida tirou a camisa para fora da calça, assim a faca não ficava à vista.

Pouco depois, levantou-se pegou a sacola e a jogou no lixo mais próximo, se voltou para o banco, mas não sentou ficando em pé paralisado, suando frio, estava com uma espécie de torpor, observando fixamente a portaria da fábrica, seus olhos já não tinham mais brilho.

Três meninos sentaram em um banco próximo falam alto, às vezes gritavam sem parar. Pedro continuava imóvel, a mais ou menos trinta metros da portaria, impaciente com o barulho, dos meninos, começa a cantarolar, em ritmo acelerado, frenético em meio tom:

♪ No país da dívida social,
onde a esperança venceu o medo,
falta tudo, só não falta povo
no trem da crise nacional.
Sempre lotado, gemendo vai,
estou em crise, estou em crise,
estou em crise, piuiiiiii, piuiiiiii,
estou em crise, estou em crise
estou em crise, piuiiiiii, piuiiiiii
sempre lotado, gemendo vai
Sempre sonhando o povo vai

piuiiiiii, piuiiiiii
Esperando um elegante futuro
sonhado.
Vivendo um grande sonho
QUEbraDo! ♪

Os meninos assustados saem correndo em disparada, mas gostaram da música, sem olhar para traz, cantavam alegremente: "estou em crise, estou em crise estou em crise, piuiiiiii, piuiiiiii..."

Pedro se tranqüiliza, fica imóvel, observa fixamente à portaria da fábrica. Os argumentos da razão, ainda não perderam o seu poder persuasivo, se esforçam em demonstrar a ele a pouca probabilidade do fato temido.

Pedro começa a ficar inseguro da sua pretensa intenção, mas quando vê a esposa, mais duas colegas de trabalho, conversando com o Zé Mane, na portaria, os argumentos da razão, são incapazes de vencer a enorme sensação de mal estar que a imagem de Sofia, faz despertar em sua imaginação, o suor frio escorre pelo seu rosto, empalidecido respira com dificuldade, ofegante o coração dispara, sua pupila dilata.

Sua amada esposa vem sozinha, surpresa, sorridente, atravessa a rua com alegria, se aproxima de Pedro e lhe dá um longo abraço, eufórica diz:

– Parabéns, Pedro, parabéns, que beleza.

Pedro lhe responde em voz baixa, abafada e raivosa: – Dinheiro compra até amor verdadeiro.

Sofia pergunta ruborizada: — o que, Pedro? Sem entender nada, faz um carinho nos cabelos do marido, para acalmá-lo.

Neste exato momento ele tem um delírio de ciúme, vê Sofia acariciando os cabelos pretos de seu jovem amante na cama redonda, saca rapidamente a faca e desfere o primeiro golpe nas costas dela, que grita o grito do horror, recebe a segunda facada no pescoço e cai perguntando quase sem voz: — por quê? Por quê? Recebe a terceira facada no peito, e se cala para sempre, com olhos aterrorizados, olhando fixamente para o marido, pela última vez.

Pedro continua a esfaqueá-la com toda a loucura do mundo no rosto, as colegas de trabalho gritam histericamente, mas ele continua a esfaqueá-la com uma bestialidade sobre humana, agora na vagina.

Zé Mane sai da portaria correndo, gritando e atirando para o céu, uma, duas, três, quatro vezes com medo de balar Sofia, mas Pedro continua a esfaquear, sem interromper os movimentos, entre uma facada e outra, agora nas nádegas.

O porteiro-guardião se aproxima e atira para matar, em legítima defesa da vida de Sofia, Pedro cai para traz com o ombro esquerdo baleado, um pedaço de osso da clavícula fica exposto, agonizando de dor, implora: – Zé Mane me mata, me mata, me... Desmaiando em seguida, segundos depois

chegam os seguranças da fábrica e isolam toda a área, para socorrer Sofia e evitar um possível linchamento de Pedro.

Mas Sofia já está morta, completamente desfigurada, o sangue ainda jorrava do seu corpo, mesmo assim é colocada em um carro da fábrica e levada para o hospital, prejudicando o trabalho da perícia técnica policial que seria realizada no local do crime.

Pedro estirado no chão aguarda a ambulância do SIATE e a Polícia Militar, alternando estados de torpor, desmaios e acessos delirantes, alucinado balbuciava algumas palavras sem nexos, a quantidade de sangue no chão e em Pedro é impressionante, o sangue saía copiosamente pelo ombro direito, dava calafrios na espinha, em qualquer um, só de ver.

Uma pequena multidão em volta da área isolada, silenciosa, perplexa, com olhares pasmos, ouvia-se apenas alguns murmúrios que foram sufocados pelos ruídos estridentes das sirenes que se aproximavam velozmente.

Pedro esvaído em sangue foi socorrido rapidamente pelo SIATE, preso em flagrante delito pela Polícia Militar é levado sob custódia em altíssima velocidade ao hospital de plantão. O mesmo que levaram Sofia.

No resgate do SIATE, o estado clínico de Pedro fica crítico, ocorre uma queda brusca da pressão arterial, aumenta a agitação psíquica, ligeira taquicardia, palidez, esfriamento da pele com perda da elasticidade e cianose de moderada à grave nas extremidades do corpo, o pulso começa a cair.

Iniciando os procedimentos cirúrgicos de urgência, o médico socorrista diz seu diagnóstico, à enfermeira que o auxiliava: – O paciente está entrando em coma por choque hemorrágico, um fragmento da clavícula, ou da bala, deve ter lesado a artéria subclávia, as suas pupilas começam a dilatar, com certeza a oxigenação dos tecidos estão diminuindo rapidamente, corre risco de ficar com seqüelas cerebrais, os rins serão lesados, o sistema cardiovascular e respiratório constitui a nossa luta urgente urgentíssima. Se ele não morrer, em nossas mãos, o ombro vai ficar aleijado, com certeza.

Em poucos minutos Pedro entra em coma profundo, a enfermeira já resignada, diz: — Não sei, não, acho que vamos perdê-lo Doutor. O médico dá um longo suspiro de desânimo e responde com desolação: — Vamos tentar, mais um pouco, pelo menos a hemorragia conseguiu estancar.

Coincidindo com a chegada da ambulância onde Pedro era socorrido, saía do hospital uma outra ambulância, levando o corpo de Sofia para o IML.

Pedro em estado clínico desesperador é encaminhado rapidamente ao centro cirúrgico.

No IML foi feito o exame de corpo delito, através de uma pequena estrela azul tatuada na nuca do cadáver, Lara reconheceu em estado de

choque, o corpo que sobrou de Sofia.

O médico legista, fez um simples exame externo no cadáver, sem a necessidade de autópsia, porque as quarenta e quatro perfurações no corpo, de quase um metro e oitenta, com dilacerações variadas, principalmente no rosto, pescoço e vagina, falavam por si só e permitiram ao Doutor, precisar com exatidão a causa da morte, “parada cardiorespiratória, provocada por choque hemorrágico agudo”. Depois foi feita com rapidez, a liberação dos restos mortais de Sofia, para o velório.

Resultado de um minuto e quarenta segundos, de bestialidade sobre humana, sobre o corpo de Sofia, tempo que Zé Mane levou para achar a chave, destrancar a gaveta, carregar com seis balas o revolver calibre trinta e oito, utilizado na cintura do porteiro-guardião noturno.

Zé Mane sempre achou que Pedro tinha um coração de ouro e não conseguia entender como seu grande amigo, colega de trabalho, companheiro de jogo de truco, ficou louco desse jeito. Disse aos policiais, na cena do crime, “eu não quis fazer justiça com as próprias mãos, por isso não dei um segundo tiro na cabeça de Pedro”, mas lamentou o fato de não trabalhar armado, “poderia ter evitado muitas facadas em Sofia”.

Paulinho almoçava na sala de sua casa, com Sonia Suely, mais o Simba-Lata, junto aos seus pés, saboreando sua ração, quando a televisão noticiou em edição extraordinária, o crime.

Ele ficou estupefato, com os olhos arregalados, a namorada começa a chorar, o pequeno pequinês a latir, a namorada tenta abraçá-lo, o namorado não permite, desvalido Paulinho se levanta da mesa e pega o Simba-lata no colo, levando-o até o quintal, enquanto Sonia Suely desesperada, sem saber o que fazer, liga para a mãe que trabalhava no fórum.

Paulinho cabisbaixo com o rosto empalidecido, retorna a sala, vai até a pequena estante pega uma Bíblia e senta-se em transe no sofá em frente à televisão, abraçando o livro sagrado contra o peito. Em pânico a namorada, diz chorando: — Minha mãe está vindo para cá.

— Não quero amor, não deixe ninguém entrar aqui. Chocado, não chora, não se move, com a Bíblia contra o peito, hipnotizado pela TV, escutou calado todo o estardalhaço da imprensa sensacionalista, as insinuações sobre os motivos do crime, sobre a conduta moral de sua amada mãe, da monstruosidade do seu querido pai.

O telefone e a campainha do portão não param de tocar, Sonia Suely atende rapidamente, comovida explica a situação e volta a sentar-se ao lado do namorado, segurando sua mão com carinho, ele diz a ela, “não quero mais pecar, escutei a voz de Deus” e volta a abraçar a bíblia contra o peito.

A namorada faz um carinho no rosto de Paulinho e não diz nada, imaginou que ele estivesse rezando pela vida do pai e pela alma da mãe.

O crime repercute nos noticiários de todas as TVs em rede nacional, juristas, psicólogos e feministas dão sua opinião, a imprensa decreta a

condenação de Pedro, agora denominado o "Monstro da pracinha", a comoção popular é enorme.

O telefone toca pela enésima vez, Sonia Suely emocionada atende, Paulinho continua vidrado na televisão, abraçando sua Bíblia, mas escutou a namorada dizer: – Amor é a delegada ela insiste em falar com você. Com a mão Paulinho sinaliza, que não.

Depois de escutar atentamente o que a delegada tinha a dizer, Sonia Suely, explica ao namorado: — Ela disse que lavrou a prisão de seu pai em flagrante delito e entrou em contacto com a OAB, solicitando um advogado para te orientar. Omitindo a assistência social oferecida. Paulinho não responde, permanece em mórbido silêncio.

Com essa atitude a delegada Dr^a.Aldira, que queria ver Pedro apodrecer na penitenciária, e sua carinha sofisticada na televisão, cumpria exemplarmente o rito processual, comunicando a família da prisão em flagrante delito, e posteriormente ao juiz competente.

Descartando qualquer possibilidade de nulidade do processo, lavrou o auto de prisão em flagrante, sem a presença de um advogado, para defender Pedro, pois a perspicaz delegada sabia que a presença do advogado de defesa ao ato da prisão em flagrante, é facultativa e não geraria a nulidade da prisão.

Preso sob custódia hospitalar, Pedro ficou longas horas na mesa de cirurgia, foi levado em estado crítico para a UTI.

Dr^a.Aldira, alocou quatro policiais civis armados, na porta da UTI, fazendo a guarda de Pedro, os policiais militares vigiavam discretamente a pequena multidão que se formou, com faixas de protesto, pedindo justiça, na frente do hospital, na portaria, vários repórteres ao vivo liam os boletins médicos liberados.

A delegada sabia que se tratava de um crime passionai, pois encontrou na bolsa de Sofia o seu bilhete amoroso para Gabi, a carta-bilhete com o poema de Gabi para Sofia e um segundo poema escrito em uma folha de papel rosa, que dizia o seguinte:

"Sofia, escrevi dois versos
preto no branco
dois olhares
um azul outro verde
dois amores
com suas cores e dores
preto no branco
sombrio colorido impreciso
macio que anestesia
que tolhe pela distância
a presentificação do meu canto
a minha musica

a minha mão
tocando o sabor
da sua paixão sinestésica
em idas e vindas
percorrendo longas curvas
e retas
em aclives e declives
montanhas e planícies
com temperaturas altas
altíssimas
caminhos deliciosamente quente
é úmido
que caminhei
com passos perdidos de prazer
e amor, beijos Gabi"

§ 1.4 — Gabi.

Não se sabe como esse segundo poema vazou para a imprensa, mas o fato é que um repórter policial local, prometendo sigilo absoluto, conseguiu localizar a Gabi em uma loja onde trabalhava. Com informações dadas por uma amiga de Sofia chamada Lara, a mesma que emprestou a Sofia, a revista que Pedro leu, ele foi rapidamente até lá.

A loja ficava em um prédio antigo, fazia parte de um conjunto de lojas, formando uma galeria com personalidade própria, que possuía diversos programas de lazer e benefícios voltados para seus clientes de classe média baixa. Era uma loja simples, especializada na venda de bijuterias e outras quinquilharias que as mulheres adoram. O repórter se aproximou do caixa e perguntou: — Quem é a Gabi?

— O senhor é o repórter?

— Sim.

— Me acompanhe, por favor.

Passaram por um estreito corredor que dava ao pequeno e bem decorado escritório de Gabi. Ela era uma beleza exótica, sensual e direta, sem rodeios disse ao repórter com voz de poucos amigos: — Lara me telefonou e avisou que você viria, pediu para ajudá-lo. Faça isso para ver Pedro mofar na cadeia, caso sobreviva, esse monstro desvairado matou minha namorada.

Surpreso e desconsertado pela sinceridade da resposta, o repórter responde: — Eu te agradeço por isso.

— Sou uma mulher liberada, não tenho vícios, o sexo não conta. O sexo não é vício, é vida, é prazer, é sangue que corre nas veias, o ar que se respira, a água que mata a sede e o pão que mata a fome, portanto não venha me recriminar com falsos moralismos.

Era evidente o esgotamento emocional de Gabi, já que não conseguia agredir diretamente Pedro, tentava de alguma forma descontar no repórter a sua revolta, que apenas respondeu: — Entendo.

— Entende o que? Compreende o que? Que não bebo, não fumo, logo, não faço amor com homens. Eu sou Gabi, aquela que se ocupa com coisas tão agradáveis, como beijar, lambar, tocar, morder, chupar! Mas eu não permito que ninguém me tire a parte que me pertencia, esse monstro matou Sofia. Eu fazia amor com Sofia a todo o momento livre do dia, todos os dias, de segunda a sexta. Acha que sou viciada em sexo?

Para provocá-la o repórter respondeu: — Sim.

— A culpa foi da minha infância, como não podia deixar de ser. Uma infância infeliz regada a sexo, orgias, experiências, e todo o tipo de ensinamentos que jamais poderá imaginar. Viciada em sexo, eu não! Como dizia o meu padrasto, quando me comia *ich liebe zu bumsen!*

— Desculpe meu alemão é péssimo, Gabi.

— Eu gosto de foder, *I love to fuck!* Ou teu inglês é péssimo também.

— Meu inglês é bom Gabi.

— O sexo é saudável repórter, faz bem à pele, queima calorias e todas essas coisas em que nós, mulheres, pensamos além do prazer, obviamente, Pedro não sabia de nada, se é isso que quer saber, pela lei Divina vai arder lentamente no inferno.

— Você tem certeza disso, Pedro realmente não sabia de nada Gabi?

— Certeza absoluta repórter, o cara é um doido varrido, quero que ele morra sofrendo muito no hospital.

— Muito obrigado Gabi, realmente eu precisava dessa informação, tenha um bom dia. — Bom dia e não volte nunca mais, repórter.

Gabi na verdade, não tinha condições emocionais de responder mais nenhuma pergunta feita pelo repórter, mas deixou claro, que Pedro não sabia de nada. Sem citar nomes este brilhante repórter policial, em sua reportagem publicada no jornal local, levantou a hipótese de ser um delírio de ciúmes o motivo do crime, para ele, até provem ao contrário o artigo da revista desencadeou esse ciúme patológico.

§ — £ ¥ 1.5 — Epílogo.

O corpo de Sofia foi liberado para o velório, sendo velada na capela do próprio cemitério. O enterro sábado à tarde, se transformou em um pacífico protesto contra a violência sofrida pela mulher na sociedade, com muitas faixas escritas, “Quem ama não mata”. Vários discursos feministas, outros de entidades de direitos humanos, tudo acompanhado de perto pela imprensa, um pastor fez uma belíssima oração, lembrando Sofia, as pessoas emocionadas aplaudiram.

Paulinho atônito, ao lado da namorada, protegido do assédio da imprensa pelos amigos, observava tudo, não dizia nada, apenas abraçava,

resignado a sua Bíblia contra o peito.

Com o intuito de melhorar a sua imagem, frente ao grande estardalhaço da imprensa, o departamento de marketing da fábrica de eletrodomésticos, ofereceu prontamente um ótimo emprego diurno para Paulinho e pagou à custa do belo enterro de sua querida mãe.

Dona Dagmar, mãe de Sonia Suely, viúva a três meses, de uma união que durou até as bodas de ouro, mas na verdade o seu casamento já havia acabado, há quatro anos, quando o marido se entregou de vez ao vício da bebida alcoólica. Após o enterro, preocupada com a situação de Paulinho, comentou com Sonia Suely: — Independente de qualquer ressentimento do seu namorado, ele deveria falar com um advogado, existe a justiça gratuita para estes casos, conheço muitos advogados excelentes no fórum, eu vou falar com um deles.

— E se Pedro morrer, mãe? Dona Dagmar respondeu sem pestanejar: — Ai a justiça de Deus, será feita, tenho até pena de Pedro, mas acho que toda pessoa deveria ser bem defendida, assim a justiça dos homens poderá ser feita de forma honesta, justa e correta.

Segunda-feira de manhã, Pedro não resiste aos fermentos e morre. Na terça-feira, poucos dias depois dele ter lido o artigo na revista feminina, ao meio dia, horário em que a sombra é mais curta, o mais longo dos erros era enterrado, com todo o estardalhaço da imprensa, bem longe do túmulo de Sofia, por vontade de Paulinho.

MIDU GORINI

Delírios de ciúmes

“Conto longo” (“long-short story”)

Primeira edição

